



Realidades transversais e estratégias pacifistas no filme *Kippur* / *O dia do perdão*, de Amos Gitai

Transversal realities and pacifist strategies in Amos Gitai's film *Kippur* / *The Day of Forgiveness*

Jorge Alves Santana*

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiânia, Brasil

jorgeufg@bol.com.br

Resumo: Aspectos autobiográficos, dimensionados de modo estético, serão analisados no filme israelense *Kippur* (2000), de Amos Gitai. De sua experiência pessoal no conflito israelopalestino do *Yom Kippur*, 1973, o diretor construirá uma narrativa sobre os autoritarismos políticos em relação à sua juventude, sempre obrigada a lutar. Gitai questionará construtos identitários unidimensionais, quando ele nos dispõe sua experiência estética questionadora dos princípios e valores bélicos. Para isso, acompanharemos transformações nas ritualísticas do *Yom Kippur*, bem como da objeção de consciência para a produção de sujeitos com identificações pacifistas, que sejam capazes de criar novos contextos existenciais.

Palavras-chave: Amos Gitai. *Kippur* (2000). Identidades transversais. Cinema israelense. Estratégias pacifistas.

Abstract: Autobiographical aspects, dimensioned in an aesthetic way, will be analyzed in the Israeli film *Kippur* (2000), by Amos Gitai. From his personal experience in the Yom Kippur Israeli-Palestinian conflict, the director will construe a narrative predominantly about political authoritarianisms related to youth. Gitai will also question one-dimensional identity constructs, when he offers us his aesthetic experience that questions war principles and values. To this end, we will follow transformations in Yom Kippur rituals, in the specific context, as well as conscientious objection to the production of subjects with pacifist identifications, capable of creating new existential contexts.

Keywords: Amos Gitai. *Kippur* (2000). Transversal identities. Israeli cinema. Pacifist strategies.

* Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.



A obra de arte suspende a identidade sem cancelá-la, aponta-a e rompe-a simultaneamente, recusando-se ao mesmo tempo a suportar o antagonismo e a oferecer uma falsa consolação.

Terry Eagleton, *A ideologia da estética*

Introdução

Em outubro de 2010, Amos Gitai¹ concedeu uma entrevista aos editores da revista brasileira *Teorema*, especializada em cinema. Em sua fala, entre tantos aspectos biográficos e estéticos,² acompanhamos suas reflexões sobre suas experiências na

¹ Amos Gitai, nascido em Gaufam, em 11 de outubro de 1959, é um dos mais combativos cineastas israelenses atuais, principalmente em relação aos movimentos pacifistas entre israelenses e palestinos. De produção cinematográfica prolífica e reconhecida internacionalmente, Amos notoriamente vem se envolvendo em vários protestos, via produção artística, que envolve predominantemente o cinema, instalações artísticas e publicação de livros, além das já famosas palestras e conferências que o cineasta costuma fazer em todo o mundo. Amos possui estudos parciais em arquitetura, tendo sido obrigado a interromper a carreira para servir nas forças armadas israelenses na Guerra do *Yom Kippur*, em 1973, para, em seguida, inserir-se de vez no campo cinematográfico, tanto no âmbito do cinema de ficção, quanto no documentário de curta e de longa duração, além de trabalhos também produzidos para televisão. Sua produção possui cadeira cativa nas principais universidades do mundo, bem como em museus e associações político-culturais. Sua participação nos principais festivais de cinema mundial é uma constante, nos quais é frequente que tenha obras premiadas, tais como os prêmios: *Leopard of Honor*, no *Locarno International Film Festival* (2008), o Roberto Rossellini prize (2005), o Robert Bresson Prize (2013), o Paradjanov Prize (2014), o Grande Ufficiale dell'Ordinedella Stella Italia, e a prestigiosa Légion d'Honneur(2017). Gitai também foi eleito professor da cadeira de Criação Artística no Collège de France, em 2018. Seu filme *Kippur*, 2000, apresentado e bem recebido no Festival de Cannes, o fez ser mais conhecido no circuito cinematográfico e político mundial. Para maiores informações sobre a vida ativista desse diretor, queira acompanhar entrevista que ele concede a CLARAC (2024).

² Particularmente aqui, destacamos o fragmento de tal entrevista na qual Amos Gitai comenta sobre sua participação obrigatória em uma unidade de resgate do exército israelense, no referido conflito: “*Revista Teorema: Você estava na faculdade quando aconteceu a Guerra do Kippur? Amos Gitai: Em 1973, eu cursava a faculdade de arquitetura e tinha 23 anos. Então, em outubro, ocorreu a Guerra do Kippur. Como todas as pessoas da minha geração, fui enviado para defender Israel. Eu participei da*



Guerra do *Yom Kippur*, em 1973, quando era apenas um juvenzinho que cursava arquitetura e sonhava em auxiliar a consolidação sociopolítica do Estado de Israel no belicoso Oriente Médio. De suas insatisfações em relação à política militar de seu país, o que também serve para o contexto árabe, o ativista diretor de cinema terá prolífica produção artística que pode ser exemplificada pelo filme *Kippur*³ (2002), diegese na qual se coadunam aspectos não ficcionais,⁴ as experiências vividas pelo diretor no conflito específico, com aspectos ficcionais, as construções e desconstruções de tradições em prol da consolidação de instrumentais pacifistas capazes de permitir a criação de novas identidades para a sociedade israelense.

Kippur é um dos filmes mais realistas e, ao mesmo tempo, de poesia trágica feitos por este diretor. Sua narrativa trata de poucos dias que decorrem no início da Guerra do *Yom Kippur*. Este grande conflito israelopalestino⁵ começa em 6 de outubro de 1973, quando, de modo aparentemente inesperado e surpreendente, as forças militares árabes lideradas pelo Egito e pela Síria lançam uma ofensiva em larga escala nos territórios do Sinai e das Colinas de Golã, reclamando, de modo bélico, regiões que outrora pertencia aos povos palestinos.

Dois jovens soldados israelenses, Weinraub (Liron Levo) e Ruso (Tomer Ruso) serão os nossos guias nesse simbólico e exemplar confronto, quando são abruptamente convocados a se juntar às forças de segurança nacional israelenses para defesa dos

equipe de resgate. Com alguns dias de missão, já tinha salvado muitas pessoas que estavam presas em tanques de guerra. No quinto dia, os sírios lançaram um míssil no nosso helicóptero. O co-piloto, que estava muito próximo de mim, foi decapitado, mas eu fiquei muito contente de conseguir sair vivo da guerra. Assim eu posso estar hoje aqui em Porto Alegre (*risos*)” GITAÏ, 2024.

³ Amparamo-nos na fortuna crítica, que nos oferece dados estéticos e temáticos do filme *Kippur*, predominantemente de CAMPER (2024), DUQUE (2024), INDIIEWIRE (2024), SKLAR (2024), TOUBIANA (2004), WILLEMEN (1993).

⁴ Seguimos, aqui, as reflexões de Phillipe Lejeune (2005; 2008), no que ele nos ensina sobre aspectos híbridos entre narrativas autobiográficas e narrativas ficcionais, sendo que não haveria fronteira excludente entre as duas modalidades, pois cada gênero contribui para a complexidade e heterogeneidade das tentativas de representação e expressão autoral. Dessa forma, o filme *Kippur*, de Amos Gitai, possui tanto elementos relevantes da realidade empírica vivenciada pelo diretor, quanto da fantasia e imaginação que são guiadas pelo seu projeto estético repleto de movimentos dialéticos críticos.

⁵ Acompanhamos o histórico dos conflitos israelopalestinos, e suas consequências para a geopolítica do Oriente Médio, em AKCELRUD, 1986; DUPAS; VIGEVANI, 2024; KONZEN, 2024; KUMARASWAMY, 2000; MORASHÁ, 2024; MORRIS, 1999; RABINOVICH, 2004.



territórios tidos como seus territórios nacionais. Os dois se dirigem às Colinas de Golã a procura de sua unidade específica. No entanto, em meio a situação caótica do início deste confronto, acabam por encontrar um médico israelense Dr. Klauzner (Uri Klauzner) no caminho e terminam em uma unidade aérea de resgate de feridos nos campos de batalha.

Desta forma, uma equipe de 4 soldados é montada e começa, por alguns dias, a resgatar vários soldados feridos, nas mais difíceis situações no campo de guerra, que são levados por ambulâncias a hospitais, diminuindo o cômputo de vítimas fatais do lado israelense. Este trabalho essencial, no entanto, é interrompido em uma sequência na qual o helicóptero de resgate israelense é abatido por um míssil árabe. Na queda, alguns soldados morrem, porém, a maioria sobrevive. Por fim, acompanharemos estes soldados sendo atendidos em um hospital, desfecho que será seguido por quase uma instalação artística surrealista feita na diegese final do filme.

No contexto histórico extradiegético, sabemos que em 1974, a Primeira Ministra Golda Meir, auxiliada por Moshe Dayan, já tendo o controle da situação bélica, conseguirá certo armistício entre as partes, sendo que a Liga Árabe terá novamente perdas do ponto geopolítico. Deste evento, entre graves e grandes perdas de bens físicos bélicos e, sobretudo, de vida de ambos os lados, muito mais significativa do lado árabe que de Israel,⁶ funda-se o Conselho de segurança nacional com o objetivo de consolidar mecanismos de segurança em relação às flutuantes fronteiras israelenses. Além de tal iniciativa cautelar de Israel e do inusitado reconhecimento que o governo egípcio faz do Estado de Israel, o mundo passou por uma das suas maiores crises do abastecimento de petróleo, iniciada estrategicamente pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo – OPEP, criando perturbações econômicas e sociopolíticas em larga escala. No que diz respeito às relações entre Israel e Palestina, talvez devido à grande derrota bélica deste segundo grupo, iniciam-se as estratégias de resistência menores, porém não sem importância política e bélica, demonstradas pelas ações das Intifadas e suas potentes e, por vezes, desproporcionais contrarreações.

É a partir deste material histórico, perspectivado pela estética política e pacifista, que refletiremos sobre a representação fílmica desta terceira grande guerra

⁶ Das perdas de máquinas de guerras e humanas por este conflito, estima-se que a Liga Árabe, relativamente subsidiada pelo governo soviético, tenha tido: 15.000 soldados mortos, de 19.540 a 35.000 feridos, 2.250 tanques destruídos ou capturados, e 432 aviões destruídos, dentre outras perdas. Quanto a Israel, relativamente subsidiado predominantemente pelo governo norte-americano: 2.656 mortos, 7.250 feridos, 400 tanques destruídos, 600 tanques estragados, e 102 aviões destruídos, dentre outras perdas.



israelopalestina, que de certa forma ressignifica a festa do *Yom Kippur* para as novas gerações.

Para tanto, dividiremos este estudo em duas partes. Na primeira, intitulada *Unidimensionalidade da guerra e o Yom Kippur transversalizado*, trataremos da incompreensão ou não aceitação que os soldados israelenses possuem em respeito à obrigação militar, na qual são lançados de modo autoritário. Refletiremos também sobre a singularidades deste evento bélico ocorrer em pleno tempo do *Yom Kippur*, período notório de atos de constrição e de perdão. Na segunda parte, intitulada *A objeção de consciência como estratégia pacifista*, trataremos à discussão a sistemática estratégia política que se dissemina na sociedade israelense contemporânea, no que diz respeito à recusa que os jovens de várias nacionalidades fazem em relação às diretrizes políticas e bélicas que transtornam a geopolítica do Oriente Médio.

1 Unidimensionalidade da guerra e o *Yom Kippur* transversalizado

No início da diegese fílmica, seguimos um homem solitário caminhando por uma longa, simétrica e vazia rua de Jerusalém. Trata-se do jovem Weinraub que está a caminho da casa de sua companheira, com a qual terá um encontro amoroso. O tempo ritualístico é dos mais importantes para a cultura judaica, por se tratar de preparações e consecução do *Yom Kippur*.⁷ Por outro lado, também da preparação e concretização do Ramadan (رَمَضَان) para os povos de cultura árabe.

Após o encontro amoroso, o jovem será visto novamente andando pelas ruas da cidade. Porém, as ruas estarão surpreendentemente movimentadas por pessoas e caminhões do exército que são avisados do portentoso levante árabe pelos territórios da região do Sinai, ao sul do país, e das Colinas de Golã, ao norte. Ou seja, em plena época de recolhimento espiritual e físico para constrição e redenção das culpas humanas, com a finalidade de projetar futuros éticos e moralmente bem fundamentados, tem-se o início dessa guerra israelopalestina.

Em seguida, acompanhamos o jovem soldado dando uma carona, em seu velho carro fiat, ao seu colega de farda, que é russo. Ambos se dirigem para o *front* nas Colinas de Golã através de estradas apilhadas de carros com assustados israelenses diante do acontecimento bélico inesperado.

No percurso para Golã, ouvindo canções folclóricas pelo rádio do carro, a dupla se atenta também para um aviso oficial do governo que os coloca mais ao par da situação de urgência da convocação de tantos soldados ativos e reservistas para a proteção das fronteiras nacionais. Vejamos o seguinte fragmento desse programa de rádio, bem como as reflexões que os dois jovens soldados fazem sobre a grave

⁷ Sobre o ritual do *Yom Kippur*, seguimos CHABAD, 2024; MORASHÁ, 2024a; 2024b; MY JEWISH LEARNING, 2024; entre outros.



situação política que envolve israelenses e a Liga Árabe, como as demais potências mundiais que incentivam e financiam tal conflito:

Rádio: Essa é a Rádio das Forças de Defesa de Israel. [...] O porta-voz das forças armadas informa que forças egípcias e sírias estão avançando nas Colinas de Golã e no Sinai. As forças egípcias apoiadas pela oposição atravessaram o Canal de Suez em vários locais. As forças sírias começaram a atacar com fogo pesado ao longo das Colinas de Golã. A força aérea está dando combate. Nossos homens combatem no ar e na terra.

Weinraub: Moshe Dayan e Golda Meir os subestimaram

Ruso: Eu poderia viver muito bem. Eu poderia viver bem. Não preciso desse tipo de vizinhos. Esses vizinhos.

Weinraub: Digam o que quiserem, mas esses árabes são perversos.

Ruso: Por quê?

Weinraub: Um ataque surpresa no dia do *Yom Kippur*. Ninguém esperava isso.

Ruso: Era melhor ter vindo a pé. Qual é o problema com essa banheira. A gente chegaria mais rápido com a minha moto.

Weinraub: E com um helicóptero então? Mais ainda.

Ruso: Olha aqui, Weinraub, isso é uma guerra, uma guerra de verdade. E dessa vez ela é nossa, porque estamos na idade certa. E nós estamos na idade certa

[Seguem o percurso para Golã, ouvindo uma música.]

Weinraub: Está estressado? [Pausa] Você sabe por que nunca compro carros novos?

Ruso: Porque são muito caros.

Weinraub: Não tem nada a ver. Um carro é para transportar pessoas e não demonstrar status. [Pausa] Deveria ler *O homem unidimensional*, de Marcuse. Faria você pensar.

Ruso: Esquece esse Marcuse. Você é que não gosta de carros novos.

Weinraub: Não. somos todos tentados a comprar, a comprar sempre um modelo mais recente. Marcuse diz que se mudássemos nossos hábitos de consumo, este seria um mundo melhor. E que se nos livrássemos da publicidade seríamos menos voltados a comprar coisas por uma simples questão de orgulho.



Ruso: Pode esquecer o seu filósofo e acelerar mais. Estamos em uma guerra.⁸

A data a qual Weinraub se refere, a do *Yom Kippur*, tradicionalmente considerado um dos dias mais importante do Judaísmo, havendo todo um conjunto complexo de hábitos e práticas preparatórias para tal data, que ocorre no décimo dia do mês de *tishrei* do calendário judaico, normalmente acontece em setembro ou outubro. Conhecido como o Dia do Perdão, seu objetivo maior é o da purificação individual e coletiva. O praticante tanto se esforça para ser perdoado por seus próprios pecados diante *D'us*, quanto se esforça por se conseguir o perdão dos pecados cometidos nas relações interpessoais. Tais práticas são sistematizadas quanto à postura comedida em relação à alimentação permitida, aos trabalhos rotineiros, às atitudes permitidas, e, sobretudo, ao recolhimento introspectivo e físico, que são necessários para que a situação ritualística seja efetivada com sucesso, seja nas sinagogas ou no espaço reservado dos lares.

A tradição judaica ensina que neste dia especial, o fundador mítico *Moshê* (Moisés) retorna do Monte Sinai com a segunda versão dos dez mandamentos e observa os israelitas adorando uma figura divina estrangeira. Para reequilibrar a cultura de seu povo, Moisés lhes assegura que, de acordo com a culpa constatada e sanada, o perdão divino pleno é dado, ao que se estabelece o Dia do Perdão.

Ainda de acordo com a *Torá*, temos que: "No décimo dia do sétimo mês afligirás tua alma e não trabalharás, pois neste dia, a expiação será feita para te purificar; perante *D'us* serás purificado de todos teus pecados." Dia de arrependimento individual e coletivo, o *Yom Kippur* é, pois, o tempo da redenção histórica que se mantém até nossa contemporaneidade. Mais, porém, que expiação individual e coletiva, tanto o indivíduo, quanto o povo se encontram na graça da comunhão divina em constante aliança.

Diz a tradição que o indivíduo primeiro se arrepende dos pecados cometidos, para então obter a graça do perdão especial da data sagrada. Tal perdão seria superior às demais ritualísticas de expiação judaica, como por exemplo, na *Teshuvá*. Assim, o perdão do *Kippur* se torna singular, pois ele faz desaparecer todos os vestígios dos pecados cometidos, propiciando ao indivíduo a promessa de novos recomeços, o que se assemelha à graça meritória de renascimentos. Ou seja, mais do que remissão das culpas, este dia especial seria capaz de abolir mesmo a dinâmica punitiva, capaz de destruir o pecador, tendo em vista o peso dos infortúnios causados. Por fim, teríamos que este dia, e seu corolário para a cultura judaica, está no maior nível de união entre o ser humano e a força divina que o cria e sustenta. "Neste dia, Ele nos perdoará", diz o Levítico, "Ele te purificará, após afligirmos nossas almas e nos

⁸ GITAI, 2000, 10'15''.



colocando em oração, para que sejas purificado de todos os teus pecados perante *D'us*".

Por outro lado, temos que nas culturas árabes, dos 12 meses que compõem o calendário lunar muçulmano, o *Ramadã*, o nono, exige notória atenção. Trata-se de um dos cinco pilares do Islã, popular entre muçulmanos e não muçulmanos. E a razão não é exagerada. Os muçulmanos observam o jejum de um mês como um dos cinco pilares do Islã. No entanto, o jejum, como um dever religioso é transmitido em um contexto inequívoco, com a explicação de que o compromisso espiritual não é mutuamente exclusivo para os muçulmanos, uma injunção semelhante sempre foi com a humanidade desde tempos imemoriais.

Voltando ao nosso filme *Kippur*, sabemos que a guerra israelopalestina a que ele se refere aconteceu em outubro de 1973. Ano este no qual coincide tanto o *Yom Kippur*, quanto o *Ramadã*. Ou seja, tanto Israel quanto comunidades da Liga Árabe dispostas no confronto se encontravam também em uma singular época para validação e consolidação de seus valores socioculturais. No excerto de diálogo fílmico que vimos acima, Weinraub diz ao colega que se assusta com o fato de a Liga Árabe ter tido a coragem de invadir o território israelense em plena época do *Yom Kippur*. No entanto, ele não se atenta para o fato de que para os povos árabes, a época também era a de intenso respeito e devoção pelos rituais de consolidação de suas culturas e de suas sociedades.

Para termos a dimensão dessa comparação, com semelhanças, dessemelhanças, exclusividades e complementaridades, vejamos o que significa este período para os povos árabes, como já começamos a fazer logo acima. O *Ramadã* (رَمَضَانَ)⁹ é um período temporal do Islã que apresenta diferenças e semelhanças ao *Yom Kippur* judeu. Este tempo desagua em um dia especial para a renovação da fé, do incentivo às práticas de caridade, da valorização das interações pessoais empáticas e compassivas, no plano individual, e, sobretudo no plano coletivo. Há toda uma ritualística secular que, nos dias preparatórios e no dia especial, visa unificar a coletividade sob princípios tais como os da valorização dos núcleos familiares, bem como o estreitamento de laços desses núcleos com a divindade que lhe cria e

⁹ Sobre certa etimologia do *Ramadã*, Adriano Estevam nos diz: "O nome *Ramadan* é derivado do vocábulo de origem árabe *ramida* ou *ar-ramad*, que denota um calor causticante, aridez, especialmente no solo. Da mesma raiz vem *ramdaa*, que significa "areia cozida pelo sol" como no provérbio: "*Kal Mustajeer minar ramadaabinnar*" – "saltar da frigideira para o fogo". Alguns dizem que é assim chamado porque *Ramadan* incinera os pecados com as boas obras como o sol queima a terra. (ESTEVAM: 2024). Para mais detalhes sobre este período de forte união das variadas culturas árabes, queira acompanhar ainda AL SUBAIHI (2024), e GARBA (2024).



mantém. Jejuns, introspecções mentais e físicas fazem parte do contexto que incentiva e valoriza a leitura dos textos sagrados, como o Alcorão, tanto nas mesquitas, quanto no recolhimento dos lares, com a finalidade maior da constante transformação pessoal para o autodomínio nas interações sociais.

O *Ramadã* faz parte das cinco principais ritualísticas do mundo do Islã, sendo que os demais são: a crença na unicidade da divindade maior, a missão profética de Muhammad, a observação de cinco orações diárias, o pagamento de caridade; e a tradicional peregrinação a Meca, ao menos uma vez na vida. É um período de *introspecção*, como mencionamos, de devoção e de autocontrole. Por trinta dias, aconselha-se o jejum de comida, bebida, cigarro, e relações sexuais. Soma-se a isso a abstenção de calúnias, cuidados estéticos, a irritabilidade interpessoal, e, sobretudo, o compartilhamento comportamental com aquilo tido como ilegal.

Alongamo-nos um tanto sobre estas duas basilares práticas socioculturais para marcarmos aspectos tanto de suas especificidades para cada comunidade, quanto, e principalmente, suas semelhanças e complementaridades que existem entre culturas que se relacionam secularmente. Tal situação se adensa quando sabemos que, historicamente, tais povos desenvolveram suas práticas em franca interpenetração, apesar das sistemáticas realidades conflituosas nas quais estes povos já se habituaram a conviver no Oriente Médio.

É nesse ponto que situamos o caráter de transversalidade cultural. Mais que interculturais, como se costuma classificar tais fenômenos, a transculturalidade dimensiona e redimensiona as supostas singularidades dos fenômenos em uma disposição na qual tais realidades complexas, múltiplas e heterogêneas estão conectadas de modo ontológico. Ou seja, suas existências estão de tal modo interpenetradas, que já não podem ser separadas de modo radical. Tese um tanto polêmica, quando se percebe as posturas dissociadoras de ambos os lados comunitários, porém, de observação empírica relativamente fácil, quando nos damos contas de tantos valores místicos, míticos, éticos e morais nos quais os dois fenômenos, o *Yom Kippur* e o *Ramadã*, são repetidos e atualizados através dos séculos.

Se o soldado israelense, no fragmento transcrito acima, surpreende-se pela suposta falta de respeito dos vizinhos em iniciar um robusto conflito em plena data das mais importantes para Israel, também temos de ter em vista os fatores que motivaram a Liga Árabe a convocar suas forças bélicas para retomarem territórios em permanente demandas, em plena data que também é das mais importantes para sua cultura tradicional. Nesse ponto, lembramos que este confronto israelopalestino tanto é conhecido como a Guerra do *Yom Kippur*, como a Guerra do *Ramadã*, e ainda como a Guerra de 1973. Ou seja, de acordo com a autoria da narrativa, a nomeação com marcação política é feita.



Ainda sobre o diálogo fílmico transcrito no início desta parte, vemos uma importante discussão entre Weinraub e Ruso. Dialogam sobre a simplicidade do carro usado pelo primeiro para chegarem à sua unidade bélica nas Colinas de Golã. Se o segundo ironiza a suposta pobreza do veículo, o primeiro lhe responde convictamente que sua preocupação maior é a de possuir bens que lhes sejam funcionais, que valham pela função de uso pragmático, e não pelo fetichismo estabelecido pelas funções de troca de bens. Weinraub remete sua discussão às leituras que faz do sociólogo e filósofo Herbert Marcuse. Particularmente nas reflexões que esse pensador faz sobre a unidimensionalidade¹⁰ do sistema de capital hegemônico, e sua produção maquínica de subjetividades também unidimensionais. O companheiro Ruso lhe assegura que isso não importa quando se é jovem e a história lhes coloca uma guerra à frente para que demonstrem sua potência, criando seus lugares de prestígio para sociedade na qual estão insertos.

¹⁰ Em sua conhecida reflexão sobre a política e economia unidimensionais, Herbert Marcuse critica a dinâmica uniformizadora do sistema de produção capitalista, capaz de constantemente reificar tantos produtores de bens e serviços, como esta produção que é fetichizada. A potência produtiva dos seres humanos terminaria, neste sistema, por obstaculizar suas verdadeiras e criativas possibilidades, principalmente quando sua potência de vida não pudesse ser sublimada de modo arbitrário e repressivo. Em uma brevíssima síntese, para ele: “Atualmente, o poder político se afirma através dos seus poderes sobre o processo mecânico e sobre a organização técnica do aparato. O governo de sociedades industriais desenvolvidas e em fase de desenvolvimento só se pode manter e garantir quando mobiliza, organiza e explora com êxito a produtividade técnica, científica e mecânica à disposição da civilização industrial.” (MARCUSE: 1982, p. 25) Tal disposição crítica também é desenvolvida, sob perspectiva psicossocial, no clássico *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, 1979, do qual ressaltamos aqui um fragmento de seu pensamento sobre o papel libertador e transformador das possibilidades de uma sublimação não repressiva, que parece acompanhar o arco acional da personagem Weinraub, no qual percebemos que: “A relação entre liberdade e repressão, produtividade e destruição, dominação e progresso, constituirá realmente o princípio de civilização? Ou essa inter-relação resultará unicamente de uma organização histórica específica da existência humana? Em termos freudianos, o conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade será irreconciliável num grau tal que necessite a transformação repressiva da estrutura instintiva do homem? Ou permitirá um conceito de civilização não repressiva, baseada numa experiência fundamentalmente diferente de ser, numa relação fundamentalmente diferente entre homem e natureza, e em fundamentalmente diferentes relações existenciais?” (MARCUSE: 1979, p. 28)



Dessa discussão de cunho filosófico e, sobretudo, político, sabemos que Weinraub não concordará com a postura comum de alguns segmentos da sociedade judaica em relação à desumanização e à transformação de seres humanos e mais uma espécie de engrenagem do maquinário para a engenharia da guerra, o mesmo valendo para as sociedades árabes. Antes de chegar no *front* de operações contra os oponentes do momento, ele parece já ter a consciência crítica de que a coerção estatal,¹¹ apesar de sua notória resistência em relação ao alistamento militar obrigatório, poderá de incapaz de efetivar a construção da comunidade que se quer de fato democrática.

2 A objeção de consciência como estratégia pacifista

Quase no início de *Kippur*, já na emergência da guerra em pleno feriado ritualístico, acompanhamos os dois soldados, Weinraub e Ruso, seguindo para seus postos de combate nas Colinas de Golã. No caminho, encontra-se com o um médico, o Dr. Kauxner, que também se dirige para aquela região, com a finalidade de se apresentar à sua unidade militar de resgate. O médico, por estar com o seu velho carro estragado em plena estrada, pede que os dois soldados lhe ajudem a chegar ao seu destino. Vejamos um fragmento deste encontro:

Dr. Kauxner: Sou o Dr. Kauxner, médico da Aeronáutica. Vou a Ramat Davi, à base Aérea.

Weinraub: Quê?

Dr. Kauxner: Há mortos e feridos. Precisam de mim com urgência. Passei a noite toda aqui. Meu carro quebrou. Já há mortos e feridos. Estou com muita pressa.

Sargento Weinraub: Estamos procurando nossa unidade.

¹¹ Sobre os poderes estatais como fatores determinantes, de modo padronizador, das ações de sua população, podemos, aqui, acompanhar o pensamento de Martin Buber, sem aqueles seus habituais desdobramentos místicos, no que ele diz respeito ao fato de o estado, em sua dimensão tradicional, frequentemente funcionar com “o status, a situação, a condição peculiar da não realização da verdadeira comunidade. O estado demarca a linha de coerção e sua maneira de atuação. E é justamente esta linha demarcatória que vai determinar a possibilidade de realização da comunidade que, por sua vez, depende do grau de espontaneidade dos relacionamentos humanos, da capacidade de o homem encontrar-se um com o outro, viver com o outro e para o outro. O estado indica até onde pode ir o limite da coerção necessária, ou melhor, o nível de coerção que pode ser tolerado e aprovado. Quando esse elemento negativo se cristaliza em torno do estado, essa cristalização se torna fatal”. (BUBER: 1987, p. 72)



Dr. Kauzner: Ramat David é para lá.

Weinraub: Sim, mas... A guerra está acontecendo lá.

Dr. Kauzner: É urgente. Preciso ir a Ramat David.

Weinraub: Ele quer ir a Ramat David. O que acha? [perguntado a Russo, que não responde]. Ramat David? Por que não? Tudo bem.

Dr. Kauzner: Muito obrigado. Vou pegar minhas coisas.¹²

De certa forma, os dois soldados amigos quando auxiliam o jovem médico transformam de modo um tanto voluntarioso os seus destinos na batalha. Se foram determinados para servir em uma unidade de tanques, agora se decidiram por conta própria a servirem em uma unidade de resgate de feridos no *front*, que usa helicópteros para ações mais rápidas e efetivas. Este procedimento, que ocorre ao arrepio de autoridades superiores, corresponde à certa desordem inicial na qual se encontram as forças armadas israelenses perante o surpreendente ataque da Liga Árabe. Tal espanto, como já vimos, é constantemente externado pelas personagens desse filme, como que para enfatizar a paradoxal tranquilidade política e bélica na qual se encontrava o governo israelense após essa guerra israelopalestina, na qual se conseguiu vitória retumbante.

Este desvio de percurso feito para Metulla, que originariamente deveria ser feito para a unidade em Kuneitra, já nos apresenta certa objeção de consciência nas microrrelações internas destas forças armadas, que costumam se pautar por engenhosos, complexos, e inflexíveis planos tecnocratas. A objeção de consciência¹³ aí é de grande importância, no sentido de nos expressar e representar uma mobilidade que a central do maquinismo da guerra não permite aos seus membros, que são desumanizados e transformados em mecanismos da organicidade do universo bélico.

O gérmen inicial dos esforços criativos e críticos que os dois soldados fazem será explicado pelos desdobramentos diegéticos das ações de resgates. Em certo ponto da narrativa, o grupo de resgate é abatido por um míssil em pleno voo de salvamento. Com mortos e feridos, o núcleo diegético destas ações de resgate se encerra, quando já acompanhamos os feridos sendo atendidos em um dos hospitais israelenses. Nesta ocasião, ouvimos um simbólico e pragmático diálogo feito entre o Dr. Kauzner e o Capitão Yoram, chefe da equipe de resgate. Os dois foram atendidos pela equipe médica. Enquanto o médico está bastante chocado com o acidente aéreo e com as

¹² GITAI, 2000, 23'11".

¹³ A história da estratégia da objeção de consciência, no plano da resistência política aos governos que demonstram autoritarismo em sua gestão, tanto em Israel quanto em outras sociedades, é seguida em BARROS (2020), BURCH (2017), EZRAHI (1997), GENOVESE (2024), JUSTIFICANDO (2024).



vidas que não conseguiu salvar, seu superior está relativamente bem psicofisiologicamente, mas na ambiência lacônica e cética em relação aos objetivos que sua atuação no conflito bélico é capaz de produzir. Vejamos o diálogo:

Capitão Yoram: Posso pegar um cigarro?

Dr. Kausner: Sim, Claro.

Capitão Yoram: Obrigado. Você não parece muito bem. É difícil para todo mundo.

Dr. Kausner: Perco completamente a noção do tempo. Cada dia dura um século.

Capitão Yoram: Hoje perdemos quatro Phantoms.

Dr. Kausner: Sim, tivemos grandes perdas desde o início.

Capitão Yoram: Três pilotos foram mortos. Um quarto está desaparecido. É meu amigo de infância.

Dr. Kausner: Sinto muito. A verdade é que desta vez, as coisas estão indo mal. É isso.

Capitão Yoram: Tento não pensar muito.

Dr. Kausner: Participou da Guerra de 1967?

Capitão Yoram: Dos dois últimos dias. Fui enviado ao Sinai. Mas, naquela época, era diferente. Estávamos completamente eufóricos. A euforia do vencedor. É claro que houve perdas.

Dr. Kausner: Na época, eu estava na Bélgica. Trabalhava em um hospital. Para mim, uma vítima é uma vítima. É assim. Seja qual for o combate.

Capitão Yoram: Meu combate é levá-las de volta para casa.

Dr. Kausner: Nunca quis ser piloto de caça?

Capitão Yoram: Não. Meu pai era piloto. Meu irmão também. É tradição de família ser piloto e servir. Mas para isso é preciso um instinto que não tenho.

Dr. Kausner: Não entendo. Que instinto?

Capitão Yoram: É difícil explicar. É um instinto de caçador.

Dr. Kausner: De caçador? O que é isso?

Capitão Yoram: O instinto de matador.

Dr. Kausner: Precisa dele para ser piloto de caça?

Capitão Yoram: Em casa, sempre se disse que o mais perigoso é ser um dos 3 piores pilotos ou um dos 3 melhores. Os 3 piores, você sabe por quê. E os 3 melhores, eles acabam se entusiasmando.

Dr. Kausner: Teve notícias do seu amigo? Ele conseguiu se salvar?

Capitão Yoram: Não sabemos. Ou é prisioneiro em Damasco.



Dr. Kauzner: Ou?

Capitão Yoram: Ou não é.

[pausa]

Dr. Kauzner: Coragem.

Capitão Yoram: Obrigado.¹⁴

Dado o contexto, uma discussão basilar, para compreendermos a atmosfera geral deste filme, é feita sobre a personalidade de pessoas que estariam mais aptas para a guerra do que outras. O capitão narra ao médico sua história familiar, na qual lhe conta sobre a tradição de seus familiares servirem às forças armadas. Laconicamente, ele assegura a necessidade do tal instinto de caçador/matador para o tal sucesso da função, propriedade que ele não tem. Apesar disso, foi obrigado a servir a tais forças na condição de chefe de uma unidade área de resgate.

Por outro lado, amparados pela situação dos feridos de guerra das últimas sequências fílmicas, saberemos que Ruso continuará internado no hospital para seguir seu tratamento, e que Weinraub deixará o hospital relativamente em boas condições físicas, mas consternado pelas situações de guerra nas quais fora obrigado a atuar, mesmo que também não tivesse a tal aptidão de caçador/matador, exigida pela tecnocracia da guerra.

Por fim, teremos a relação amorosa final imersa no registro da subjetivação um tanto surrealista e, sobretudo, libertária, que esse protagonista tem com a mulher que ama. Após a participação em uma guerra que não se compreende os motivos, e tendo percebido sofrimentos incalculáveis de todos os lados, a arte das cores variadas são chamadas para a coprodução dos possíveis novos corpos tomados pelo princípio de vida que o amor representa. Esse último encontro amoroso nos lembra da situação amorosa que abre o filme, quando a cidade de Jerusalém estava vazia, quando sua população estava recolhida para as práticas do *Yom Kippur*. No entanto, o protagonista está transformado pelas experiências de morte pelas quais foi obrigado a passar.

Chama-nos a atenção, nesse contexto final, a mensagem política pacifista que Amos Gitaï nos expressa através deste seu produto estético. Parte desta mensagem trata do fenômeno político da abstenção de consciência¹⁵, um dos comportamentos mais

¹⁴ GITAÏ, 2000, 48'36".

¹⁵ Sobre os objetivos sociopolíticos da objeção de consciência, e a penalidades sofridas pelos objetores de consciência em todo o mundo, em todas as épocas, e particularmente em Israel, vale a pena seguirmos mais um pouco: "Entre os objetores de consciência em Israel, existem dois grupos bem definidos. Por um lado, quem se recusa a se alistar no Exército por questões de consciência, os chamados *shministim*, nome em hebraico para os que cursam o último ano do Ensino Médio, convocados



evitados, e punidos de modo exemplar, pelas forças armadas israelenses. O lema da anti-unidimensionalidade comportamental do “Faça amor, não faça a guerra” é tratado de modo singular e sistemático pela estética deste diretor que notoriamente é conhecido por seu radical ativismo pacifista.

Parte da sociedade israelense contemporânea, provavelmente com casos similares entre a Liga Árabe, encontra-se insuflada por se posicionar de modo adverso às diretrizes de seus governos autoritários. Aqui, lembramo-nos também das reflexões que Zygmunt Bauman tece a respeito desta imposição inflexível em várias esferas de ação alienada também presentes no Holocausto. Para ele:

A disposição de agir contra a própria opinião e contra a própria consciência não é função apenas do comando autoritário, mas resultado da exposição a uma fonte clara, inequívoca e monolítica de autoridade. É muito provável que tal disposição apareça dentro de uma organização que não suporta oposição e não tolera qualquer autonomia, na qual a hierarquia linear de subordinação não conhece exceção: uma organização na qual dois membros não têm nunca o mesmo poder. (A maioria dos exércitos, institutos penais, partidos e movimentos totalitários, algumas seitas e internatos chegam perto desse modelo ideal.) Tal organização, no entanto, será provavelmente eficaz numa das duas condições. Pode isolar rigidamente seus membros do resto da sociedade, tendo assegurado ou usurpado um controle indisputado sobre as atividades e necessidades vitais da maioria ou totalidade deles (assim aproximando-se do modelo de instituição total de Goffman), de modo que a possível

para se alistar com apenas 16 anos. Estes podem cumprir várias penas que podem chegar aos três anos que, por lei, dura o serviço militar para os homens. Por outro lado, há os que já se alistaram e que decidem descumprir ordens de oficiais superiores, alegando motivos como pacifismo, antimilitarismo. Os *refuseniks* (em hebraico טרבונים , transliterado para *sarvanîm*, de *sarav*: "aqueles que se recusam") são objetores de consciência israelenses, que se recusam a servir ao *Tsahal*. Alguns deles se recusam principalmente a combater nos territórios ocupados. É um movimento importante e crescente, embora a objeção de consciência não seja acatada pelo estado judeu. O movimento começou em 1979 com Gadi Algazi, o primeiro a se recusar a cumprir o serviço militar nos territórios ocupados da Palestina. Itzik Shabbat foi o primeiro *refusenik* na guerra do Líbano iniciada em julho de 2006”. (JUSTIFICANDO: 2024). Sobre este tema tão caro para a comunidade israelense, em seus apelos e ações pacifistas, também acompanhamos BARROS (2024), BURCH (2017), EZRAHI; BULLETS (1997), GENOVESE (2024), entre outros.



influência de fontes competitivas de autoridade é eliminada. Ou pode simplesmente ser um dos ramos do Estado totalitário ou quase totalitário, que transforma todas as suas agências em cópias umas das outras.¹⁶

Como mencionamos, Bauman está a relatar e a refletir sobre os mecanismos de dominação efetivados pela guarda nazista em relação aos prisioneiros judeus, bem como aos demais de outras etnorraças tidas como minoritárias na *Shoah*.

A homologia que aqui fazemos com os contextos que fazem surgir os objetores de consciência, diz respeito à necessidade de sublevação que tais agentes sociais contemporâneos são capazes de fazer para preservarem sua crença em valores que os libertam, bem como poderão libertar suas comunidades de plataformas políticas, sejam de que governos e sociedades forem, plataformas essas tidas como impróprias para a construção da sociedade justa, que eles têm em mente. Da ideação social, vai-se pragmaticamente para as ações de contestação e enfretamentos práticos contra forças institucionais incapazes de perceber que os poderes de uma coletividade também estão dispostos em dinâmica revolucionária.

Sujeitos dispostos na unidimensionalidade autoritária e excludente, dessa forma, ressensibilizam seus corpos e mentes na recusa a cumprirem ordenações arbitrárias, mesmo que tais ordenações estejam dispostas na moldura de procedimentos supostamente tão naturais quanto as origens míticas de um povo. Assim, características comportamentais tais como disciplina, lealdade, obediência são deslocadas, pelo incentivo ao pensamento dialético crítico, no qual disposições prévias são instadas à flexibilidade de objetivos, para possibilidades existenciais nas quais se permite a discussão de, por exemplo, como as estratégias de guerra criam fronteiras artificiais entre sociedades, que mais do que diferenças, podem comungar de culturalidades transversais.

Considerações finais

São variáveis e complexos os móveis causadores de conflitos bélicos. Costumamos sistematizá-los nos três eixos, sob as reflexões metapsicológicas sistematizadas por Sigmund Freud e atualizadas por Zygmunt Bauman, que são as supostas necessidades civilizacionais de ordem, limpeza e beleza. Lembremo-nos de como Bauman sintetiza esta situação intersistêmica:

Assim como "cultura" ou "civilização", modernidade é mais ou menos beleza ("essa coisa inútil que esperamos ser valorizada pela civilização"), limpeza ("a sujeira de qualquer espécie nos parece incompatível com a civilização") e ordem ("Ordem é

¹⁶ BAUMAN: 1998b, p. 19.



uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação ou indecisão"). A beleza (isto é, tudo o que dá o sublime prazer da harmonia e perfeição da forma), a pureza e a ordem são ganhos que não devem ser desprezados e que, certamente, se abandonados, irão provocar indignação, resistência e lamentação. Mas tampouco devem ser obtidos sem o pagamento de um alto preço. Nada predispõe "naturalmente" os seres humanos a procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observar a rotina chamada ordem.¹⁷

Princípios civilizacionais tidos como valores universais correm o risco de padronizar suas atualizações históricas, amparadas pelas práticas concretas de sociedades diversas e heterogêneas, mesmo que em ontológicas conexões constitutiva. As imposições dos universais quanto à limpeza, ordem e beleza também podem deslegitimar e inibir as potencialidades das criações próprias, em detrimento de realidades tidas como diferentes e perigosas, criando focos de comportamentos intolerantes com os referenciais não plenamente conhecidos e reconhecidos.

No campo da intolerância crônica causada por governos reacionários, acompanhamos a dinâmica narrativa de *Kippur*. Nela Amos Gitai renova e potencializa seu ativismo radical em relação aos confrontos israelopalestinos. Sua crítica atinge diretamente as tecnocracias bélicas montadas por governos autoritários quanto a possibilidades libertárias das novas gerações. Gitai com sua narrativa fílmica sobre um singularíssimo *Yom Kippur*, aposta, pois, na transculturalidade constitutiva.

Mais do que isto, na transculturalidade sistêmica a ponto de criar uma introdução e um término para este seu filme, que beiram o surrealismo sociopolítico, quando miramos a situação das sociedades em choque com olhar tradicional. Vemos tal estratégia radical nas sequências em que o soldado Weinraub, exemplo comportamental dos objetos de consciência israelenses, está imerso em uma relação amorosa com sua companheira.

Há toda uma estética política nas cores usadas para estas sequências. De início vemos corpos nus se entrelaçando sexualmente, sendo que tintas de cores variadas são jogadas sobre a cama e sobre os corpos dos dois amantes. A gama de cores corresponde às cores da bandeira de Israel e a da Palestina. Começa-se pela tinta de

¹⁷ BAUMAN: 1998a, p. 7-8.



cor branca, para em seguida serem mescladas a ela e aos corpos as cores verde, azul, vermelho e preto.

Os corpos dos amantes ficam pintados por estas cores nas duas sequências, tanto na inicial, quanto na final, e de modo semelhante àquela estética provocadora e questionadora do filme *Hiroshima, monamour*, de Alain Resnais, que se inicia com o corpo dos dois amantes lambuzados por areia radioativa. Há de se perceber que na sequência final, por alguns segundos, destaca-se a cor vermelha que colore mãos, braços e rostos do casal, para após vermos a paleta destas cores nacionais se mesclarem de modo a se aproximar do predomínio da cor marrom, que nos lembra dos campos de guerra lamacentos nos quais a Guerra do *Yom Kippur* também aconteceu. Assim, lembramo-nos do marrom, que tanto pode nos lembrar dos *fronts* impiedosos e autoritários da máquina de guerra em funcionamento constantemente nestes estados diuturnamente impulsionados para a guerra, mas também como também do marrom dos solos férteis, nos quais as transculturalidades, vistas como complexas e conectadas produtividades ambiental, humana e social, seguem o seu curso equilibrado quando não admitimos seguir as regras dos instrumentos maquínicos da guerra.

Por fim, concluímos este breve estudo que se debruçou sobre o filme *Kippur/ O dia do perdão*, de Amos Guitai. Nele, tentamos refletir sobre os dispositivos bélicos que unidimensionalizam toda e qualquer sociedade educada para a ação bélica acrítica. Em tais contextos, nos quais os supostos povos inimigos têm portentosas perdas humanas, também pensamos na possibilidade da efetivação do *Yom Kippur* transversalizado, como meio de sobrevivência sociocultural dos variados grupos sociais em contendas insufladas por instituições estatais que poderiam ser capazes de produzirem acordos políticos que valorizem os direitos básicos das sociedades palestina e israelense.

Como proposta estética e política, acompanhamos a ação ativista da objeção de consciência, em uma de suas possíveis modalidades, entre outras ações transformadoras e críticas, levantadas por Guitai. Ações que se firmam quando sua diegese fílmica se enraíza tanto em sua vida pessoal, pois muitos dos fatos narrados neste filme realmente aconteceram na sua história pessoal, quanto na realidade prática de contestação que objetiva a paz entre as duas sociedades, que são feitas constantemente por numerosos segmentos da sociedade israelense.

As realidades humanas nos mostram, por vezes, serem as mais confusas e ambíguas possíveis, quanto às decisões morais empíricas que estão longe das abstrações de princípios filosóficos e éticos da certa postura idealista, como nos ensina Zygmunt Bauman (1997), em seu clássico estudo sobre os contextos nos quais se dá certa desconstrução de princípios da ética moderna. Tais desconstruções necessárias



poderão nos encaminhar para o campo fértil das heterogêneas, múltiplas e complexas possibilidades éticas e morais contemporâneas.

Referências

AKCELRUD, I. *O Oriente Médio. Origem histórica dos conflitos. imperialismo e petróleo. judeus, árabes, curdos e persas.* 4 ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

AL SUBAIHI, T. *The Spirit of Ramadan is Here, but why is it Still so Dark?* Disponível em <https://www.thenational.ae/the-spirit-of-ramadan-is-here-but-why-is-it-still-so-dark-1.456162>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade.* Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a

BAUMAN, Z. *Modernidade e holocausto.* Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. *Ética pós-moderna.* Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BUBER, M. *Eu e tu.* Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, M. *Sobre comunidade.* Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. Perspectiva, 1987.

CAMPER, F. *In Chaos, Truth.* Disponível em: <https://www.fredcamper.com/Film/Gitai.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CHABAD. *Significado de Yom Kipur.* Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/659934/jewish/Significado.htm#comments. Acesso em: 2 fev. 2024.

CLARAC, T. *Entrevista com Nadav Lapid "J'aicompris qu'il fallait que je me sauve".* Disponível em: <https://www.vanityfair.fr/culture/ecrans/story/synonymes-de-nadav-lapid-interview/5447>. Acesso em: 20 jan. 2024.

DUPAS, G; VIGEVANI, T. *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global.* São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DUQUE, F. *Mostra Amos Gitai.* Disponível em: <https://vertentesdocinema.com/2010/09/23/mostra-amos-gitai/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

EAGLETON, T. *A ideologia da estética.* Tradução de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.



ESTEVAM, A. *O que é o Ramadan?* Disponível em: <https://jocum.org.br/o-que-e-o-ramadan>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GARBA, K. A. *Muslims observe Ramadan, clerics explain significance*. Disponível em: <https://archive.vn/20140718041849/http://www.ngrguardiannews.com/features/week-end/169233-muslims-observe-ramadan-clerics-explain-significance>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GITAI, A. *Entrevista à revista Teorema em outubro de 2010*. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/postsrascunho/2013/10/cineasta-que-prega-a-coexistencia-entre-israel-e-palestina-fala-nesta-terca-sobre-seu-filme-kippur/>. Acesso em: 7 fev. 2024.

GITAI, A. *Kippur*. Produção: Amos Gitai, Laurent Truchot, Michel Propper. Roteiro: Amos Gitai e Marie-Jose Sanselme. País: Israel, França. Drama, 2000, 124m.

INDIEWIRE. *Interview: Directing Chaos, Amos Gitai's 'Kippur'*. Disponível em <https://www.indiewire.com/2000/10/interview-directing-chaos-amos-gitais-kippur-2-81365/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

KONZEN, C. de A. *Do sionismo à guerra do Yom Kippur - Uma análise das quatro guerras israelo-árabes*. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/754/1/2014CarinadeAlmeidaKonzen.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2024.

KUMARASWAMY, P. R. *Revisiting the Yom Kippur War*. London: Portland, OR, 2000.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique 2*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MORASHÁ. *A guerra de Yom Kipur: as semanas que a precederam*. Disponível em: www.morasha.com.br/historia-de-israel/a-guerra-de-yom-kipur-as-semanas-que-a-precederam.html. Acesso em: 14 mar. 2024.

MORASHÁ. *Yom Kipur: o dia em que o povo judeu volta para casa*. Disponível em: www.morasha.com.br/yom-kipur/yom-kipur-o-dia-em-que-o-povo-judeu-volta-para-casa. Acesso em: 14 mar. 2024.



MORRIS, B. *Righteous Victims: A History of the Zionist-Arab Conflict 1881-1999*. New York: Knopf, 1999.

MY JEWISH LEARNING. *Yom Kippur, The most Solemn day in the Jewish Calendar*. In: <https://www.myjewishlearning.com/author/mjl-staff/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

RABINOVICH, A. *The Yom Kippur War: The Epic Encounter That Transformed the Middle East*. New York: Schocken, 2004.

SKLAR, R. In the Line of Fire. In: <https://www.filmcomment.com/article/amos-gitai-kippur/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

TOUBIANA, S. *Amos Gitai: Percursos, Exílios e Territórios*. São Paulo: Cosac & Naif, Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, 2004.

WILLEMEN, P. (ed.). *The Fillms of Amos Gitai: A montage*. London: British Filme Institut, 1993.

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024